

TERRITORIALIDADE DOS JOVENS DA PERIFERIA: UMA ETNOGEOGRAFIA DE DIVERSÃO NOTURNA EM CIDADES MÉDIAS.

RESUMO

Este trabalho faz uma interface entre a geografia urbana e cultural, buscamos compreender como as territorialidades e sociabilidades de jovens das camadas populares, que vivem em condição de segregação socioespacial promovem suas territorialidades na cidade, para além dos espaços segregados, no âmbito do lazer noturno. Questionamos se mesmo em condição de segregação socioespacial, tais jovens conseguem saltar as escalas geográficas na cidade. Estas questões têm orientado uma pesquisa em duas cidades médias brasileiras, Bauru e Marília, cujos resultados visam contribuir para o entendimento do fenômeno da inserção destes jovens nas áreas centrais e na ampliação do entendimento dos processos socioespaciais, relacionados às redefinições internas de cidades médias. Trazemos o exemplo de um grupo juvenil, no sentido de entender como são traspostas as escalas e se territorializam com suas práticas espaciais em áreas centrais.

PALAVRAS-CHAVE: Territorialidade. Cultura juvenis. Segregação socioespacial. Cidades médias

RESUMEN

Este trabajo es una interfaz entre la geografía urbana y cultural, buscamos entender cómo la territorialidad y la sociabilidad de los jóvenes de las clases bajas, que viven en condiciones socio-espacial segregación promueven su territorialidad en la ciudad, además de espacios segregados en el entretenimiento nocturno. Nos preguntamos si incluso en condiciones de segregación socioespacial estos jóvenes pueden saltar escalas geográficas en la ciudad. Estas preguntas han guiado la investigación en dos ciudades brasileñas medianas, Bauru y Marilia, cuyos resultados han de contribuir a la comprensión del fenómeno de la inserción de los jóvenes en las zonas central y en la expansión de la comprensión de los procesos socio-espaciales relacionados con reajustes internos ciudades medianas. Traemos el ejemplo de un grupo de jóvenes con el fin de entender cómo las escalas son traspostas y territorializam con sus prácticas espaciales en áreas centrales.

PALAVRAS CLAVE: Territorialidad. Culturas juveniles. Segregación socioespacial. Ciudades medias.

ABSTRACT

This work is an interface between the urban and cultural geography, we seek to understand how the territoriality and sociability of young people of the lower classes, who live in socio-spatial segregation conditions make their territoriality in leisure in the evening. In other words, how these young people living in socio-spatial segregation conditions create strategies to "jump" geographical scales of the city. These questions have guided research in two medium-sized Brazilian cities, Bauru and Marilia, the results of which are to contribute to the understanding of the phenomenon of insertion of these young people in the central areas and in expanding the understanding of socio-spatial processes related to internal resets medium-sized cities. We bring the example of a youth group in order to understand how the scales are skipped and territorializam with their socio-spatial practices in central areas in city.

KEYWORDS: Territoriality. Youth Culture. Spatial segregation. Medium-sized cities

Élvis Christian Madureira

RamosDoutorando do curso de Pós-Graduação em Geografia pela UNESP de Presidente Prudente. Bolsista da FAPESP. E-mail: solelvis@gmail.com

INTRODUÇÃO

Reunimos neste trabalho alguns resultados relacionados a territorialidade de grupos juvenis das periferias populares de cidades médias, trata-se de observações e descrições sobre o modo como estes grupos juvenis fazem o seu lazer noturno e como estas práticas espaciais tencionam com a segregação socioespacial, na qual estão submetidos.

Para produção de informação, utilizamos entrevistas semiestruturadas, observações participantes, bem como, fizemos um trabalho netnográfico, utilizando-se das interfaces das mídias sociais e Internet. Buscamos contatos e informantes; investigamos sobre gostos e interesses de lazer; locais de frequência de festas e formas de expressão identitária de grupos juvenis. Ou seja, fizemos um trabalho que chamamos aqui de **etnogeografia**, combinando etnografia, netnografia e observações mais sistemáticas quanto as territorialidades dos grupos jovens, sem perder sua relação com o espaço urbano como um todo.

A formação destas periferias pobres nestas cidades está relacionada ao fenômeno de dispersão do tecido urbano, iniciada nos anos de 1970, quando os bairros populares surgiram afastados do centro principal. Durante esse tempo, também ampliaram e se diversificaram a oferta de diversão noturna nestas cidades, surgindo mais opções de consumo e lazer, como o surgimento de shopping centers, *fast-food* franquizados a redes globais, também o aumento casas de show, bares e festas.

Essa diversificação favoreceu os cidadãos destas cidades, com mais opções para uso do tempo livre, cada vez mais mediado pelo consumo, sobretudo, aqueles que tinham maior poder de acesso a estas novas ofertas de diversão. Estes espaços de diversão se fixaram normalmente, em áreas de maior status social, reforçando a centralidade de áreas e eixos centrais já importantes, ou mesmo criando novos.

Quando falamos de diversão noturna, temos que falar também de tempo livre, que entendemos, como um período que alcança algo mais do que uma reposição e pausa do trabalho, um tempo que se abre ao estreitamento de laços sociais, reciprocidades e expressividades coletivas das mais variadas em termos estéticos e culturais. E igualmente exige falar de espaços para o aproveitamento das formas de ócio na cidade.

Para os jovens é um momento intersticial de maior autonomia para expressarem suas práticas, transgressões e jogos entre os amigos. A princípio, para os jovens da periferia pobre, o uso do tempo livre, implica enfrentar distâncias, investimentos de tempo e poder aquisitivo, são barreiras que precisam ser transpostas para que possam usufruir de formas de lazer nas áreas centrais.

Nos bairros que foram observados e descritos em Bauru e Marília o que se revelou de início foi a existência de jovens filiados a diferentes culturas e estilos juvenis compondo diferentes práticas sócio-espaciais com alcance territorial amplo e difuso no conjunto da cidade.

Ao analisarmos estes grupos juvenis, estamos tendo a oportunidade de descobrir que a vida social, apesar das barreiras, não equivale a uma vida pobre no âmbito da diversão noturna e práticas sócio-espaciais.

Nestas periferias, há muitos grupos juvenis que apresentam forte protagonismo e relativa autonomia na composição de uma multiterritorialidade, que abrange espaços de lazer frequentados por outros estratos sociais, ou mesmo compõe seus próprios territórios na cidade. Revelam a capacidade de saltar escalas geográficas, o que também tem impacto na dimensão política, já que são grupos que se tornam mais visíveis nas áreas centrais e, portanto, acabam gerando novas representações sociais e conflitos.

CONDIÇÃO DE SEGREGAÇÃO NAS PERIFERIAS

De forma preliminar, destacamos os aspectos da segregação dos bairros da periferia pobre, que atingem não somente as áreas metropolitanas como também as cidades médias. Porém quando falamos sobre a noção de periferia urbana e aspectos da sua **formação socioespacial**¹, temos que atualmente destacar as alterações na sua ocupação e representação.

Ainda é possível concebê-la como um espaço que resultam de movimentos de dispersão urbana e podem ter como continuidade, um processo de distanciamento entre um centro urbano densamente povoado de outras áreas que vão se formando em seu entorno, constituindo-se de espaços residenciais com algumas atividades econômicas, como subcentros comerciais e distritos industriais.

Outra continuidade das periferias, sobretudo no caso brasileiro, é a maior presença de moradias populares e espaços de exclusão, como favelas. O que para grande parte destes cidadãos que aí moram, significa também um certo **distanciamento social**.

Por outro lado, esta nova periferia vê surgir a expansão de habitações de alto e médio padrão residencial, atraindo cidadãos de segmentos sociais mais afluentes. O que não ocorre por acaso, já que se dão através de novos agenciamentos imobiliários, em relação a conjuntos residenciais fechados e a implantação de grandes superfícies comerciais, como shoppings center e hipermercados.

Mas o que se constitui um poder de escolha para alguns segmentos sociais, permanece uma condição compulsória de afastamento espacial, para os segmentos sociais mais populares e vulneráveis socialmente, não existem muitas saídas senão morar nos confins da cidade. Seja pela construção de núcleos habitacionais populares, desfavelamentos ou por ocupações irregulares de áreas de risco, persiste a lógica de distanciamento espacial e ao mesmo tempo social. E para estes cidadãos viver distante impõe gastos de tempo e recursos econômicos sempre limitados.

Porém a segregação além do seu caráter objetivo, também tem um componente subjetivo. Com olhar para as periferias, Saravi (2008) destaca que a coexistência na cidade é regida por mundos ilhados, apesar da desigualdade socioeconômica possa refletir no espaço tais segregações, ela não é apenas objetiva, mas também simbólica. E está **dimensão simbólica** não resulta pura e simplesmente da segregação objetiva, outros aspectos são co-determinantes, como as representações, os estigmas impostos, as próprias percepções dos cidadãos, são determinantes para criar ou reforçar a segregação na cidade.

Bairros de Bauru e Marília que escolhemos para o estudo de grupos juvenis são atingidos por estas formas de segregação. Por exemplo, sobre um bairro da periferia de Marília, denominado Santa Antonieta, vemos como esta dimensão simbólica emerge nas representações que jovens de outros bairros e estratos sociais fazem sobre aquele espaço da cidade.

Não moraria no bairro de Santa Antonieta porque o lugar é péssimo, há grandes índices de violência, é de difícil acesso, longe dos grandes pontos de encontro atuais, os serviços públicos oferecidos na região são precários. Morando lá, eu passaria por grandes situações problemáticas como: assaltos, ocorrência de tráfico de drogas, guerra de gangues, balas perdidas, entre outros problemas, tão comuns aos bairros pobres. (...) A garantia que irá dormir uma noite tranquila em sua casa nem sempre é certa. (...) O bairro é

¹ O conceito de "formação socioespacial" tem como registro e fundamentação inicial o artigo de Milton Santos (1977) e geralmente é usado na escala regional. Como utilizo o conceito no âmbito de um bairro, não desconsiderando como parte de uma formação econômica e social maior, que é a cidade que também é parte de uma rede. Temos por base duas abordagens que se visou integrar e que não parecem escapar, a não ser devido a escala, com aquilo que alude este conceito: a) um grau de subordinação: que não se nega que as formações destes bairros periféricos se inscrevem dentro de uma divisão econômica da cidade e inerente às políticas públicas, padrões de uso solo, diferentes formas de parcelamento, não raro, sob uma lógica que privilegia uns e desprivilegia outros em termos de habitat e acessos a bens e serviços; b) Uma visão que não nega sua particularidade, ou seja, um espaço social, contendo suas próprias determinações, ou seja, de localização, comércio, reuniões coletivas, criações e outras diversas práticas sócio-espaciais que também fazem parte de sua formação.

como uma “cova de leões”: deve-se impor respeito para que você não seja “devorado” pelos “leões”. Ou seja, você é obrigado a usar violência para evitá-la²

Este breve fragmento de uma entrevista, não apenas toca na questão da diferenciação socioespacial dos espaços habitados da cidade, como também sobre espaços a serem evitados. Já em outro relato, um morador nos relata quando era mais jovem as formas de violência a qual se convivia:

Eu nasci no bairro, eu lembro que quando começou ele, era coisa de outro mundo, era um monte de pasto, não tinha asfalto, não tinha nada, era aquela correria, aquele sobe e desce, muitas pessoas vinham de outras regiões periféricas e invadiam. Minha casa, nós compramos o terreno, mas em frente em da minha casa, foi tudo invasão (...) muitas pessoas iam para lá, mas já tinham sido presas ou mexiam com drogas, roubavam, então era assim, no começo o bairro era bem marcado por causa disso, eu vi vários, ir no Itambé, era comum as pessoas falarem "vou de jogar no buraco", a gente sabia que muitas pessoas eram jogadas no buraco. Eu vi vários bombeiros puxarem na lona, caiam no rio, cheio de merda e subir com esses corpos. AV

O relato acima também destaca as condições precárias e incompletas no bairro, e que ajudavam a gerar uma dimensão simbólica negativa do bairro, e que foi crescendo, conforme os problemas sociais ganhavam publicidade.

O sentimento era que a violência e a ocupação desordenada se tornavam as características mais emblemáticas do bairro. As estigmatizações passam a ser mais frequentes e rótulos depreciativos sobre bairro vão tornando parte das representações e imaginários da cidade.

Para nós que eramos da zona sul, que já eramos marginalizados, nós éramos periferia também, a Nova Marília também, era mais antigo que a Vila Santa Antonieta, pouca coisa, mas é. Era super marginalizado. Mas quando a Vila Santa Antonieta começou a ter o protagonismo da violência, estampados nos jornais, foi que ficou estigmatizada como uma região ruim mesmo, de pobre, de violência, favelado. DEN³.

A gente ficava numa situação de defesa, a gente falava que era da Vila Santa Antonieta já éramos “gozados”. E acabava por mandar tomar naquele lugar, e qual é o problema? A gente não falava em alto bom som que éramos da Vila Santa Antonieta, falávamos meio baixinho. AV

O Santa Antonieta, ele é mal visto, em consequência desse passado aí. Antigamente, existia três favelas aqui, nessas três favelas tinha um tráfico de drogas muito forte, estas favelas eram rivais, era uma rixa muito forte, quem morava aqui não podia ir pra lá. Quando se encontravam tinha briga, na maioria das vezes era o Bairro Santa Antonieta onde ocorria esse tipo de brigas. Quase todo fim de semana morria um. Devido essas divergências o bairro foi ficando mal visto. Todo fim de semana, alguém levava uma facada, morria, por conta disso. FC⁴

O que isso nos mostra é que espaços como o bairro Santa Antonieta acabam ficando vulneráveis as formas de segregação simbólica ou subjetiva referida por Saravi (2008). Para o cidadão periférico passa a existir de um lado, a preocupação em lidar com a violência e falta de estrutura do bairro e do outro lado, suportar o constrangimento das representações, construídas pelos que estão fora, física e socialmente do bairro.

Temos assim, a periferia, como um pedaço do espaço urbano, desencaixado, e ao mesmo tempo desligado de uma totalidade, por que não dizer, de moradores e entre eles jovens que se sentem abandonados.

² Relato extraído de uma entrevista de um jovem morador de condomínio de alto padrão em Marília em Delicato (2004, p.54)

³ DEN - cidadina e ex-secretária da juventude na cidade de Marília.

⁴ FC - Morador antigo do Bairro Santa Antonieta e professor de capoeira na escola estadual do próprio bairro.

Por outro lado, quando tem o tempo livre para usufruir em termos de diversão, encontram poucos equipamentos urbanos para suas interações. Mas, na contramão da passividade, adotam jogos e brincadeiras que combinam muitas vezes bricolagens e improvisações. Como simplesmente converter uma quadra poliesportiva em uma pista de skate.

Quando em nossas deambulações em Marília e Bauru pudemos ver além dos rolamentos dos skatistas e ciclistas do bicross, as ruas ou vias públicas também constituem espaços de lazer para outras práticas.

Por exemplo, presenciamos modestos bate-bolas entre o crepúsculo do fim da tarde até quando não se é mais possível distinguir a bola dos tijolos que improvisam as traves do gol. Uma descontração vívida no gramado gasto de um canteiro central numa das avenidas que cortam o bairro. Jovens sem camisas, descalços, indiferentes ao trânsito, aos pedestres e aos horários que marcam outras rotinas. Aquelas bricolagens e improvisações que já observamos e tão próprias dos bairros das periferias populares.

Porém, estes jovens também buscam se conectar com espaços que lhe permitem vivenciar o lazer de outras maneiras, mas que não encontram na periferia. No caso do lazer noturno, contextos espaciais específicos que apenas vão encontrar nas áreas centrais.

Onde irão encontrar oportunidades para estar com outros jovens que curtem as mesmas preferências musicais e dançantes, estabelecer reciprocidades, vivenciar novas experiências visuais e estéticas. Formas de excitações e jogos que só podem experimentar fora do bairro, como estar num baile com amigos, frequentar bares, curtir músicas em ambientes internos, beber bebidas alcoólicas com maior liberdade e no embalo de uma atmosfera mais animada e estimulante.

Como veremos a seguir, por meio de alguns grupos juvenis que tivemos acesso, essas formas de curtir a noite muito ricas e amplas, mais ainda, subvertem a condição de segregação a quais estão submetidos. Ao transporem as escalas geográficas na cidade, se mostram visíveis onde a cidade é mais plena em seus equipamentos e realizações materiais. Tornam-se presentes onde as formas de consumo se ampliam a outros extratos sociais.

A TRANSPOSIÇÃO DE ESCALAS E TERRITORIALIDADE DOS JOVENS DAS PERIFERIAS EM RELAÇÃO AO LAZER NOTURNO

E quando os jovens saltam estas escalas, quando saem dos seus pedaços e passam a ter visibilidade nas áreas centrais e outros espaços? Quando esperam alguma coisa do final de semana e fazem investimentos para estas ocasiões de ócio. Procuramos ao longo de dois anos descrever a partir de observações e entrevistas as práticas sócio-espaciais relacionadas a grupos juvenis da periferia de Bauru e Marília que saltam as escalas na cidade para dar sentido aos seus tempos livres.

Não podemos, por falta de espaço aqui reproduzir toda essa gama de interações e observações sobre a variedade de formas e territorialidade relacionadas aos grupos jovens que investigamos. Mostraremos na última parte deste trabalho, um pouco desta descrição etnogeográfica com um dos grupos que vem protagonizando com certa polêmica rolês em shoppings center. Mas, por ora, destacaremos alguns resultados no geral realizados em tornos destas práticas juvenis.

O que já podemos destacar é que estes jovens da periferia, agrupados em torno de redes de amigos ou culturas juvenis específicas, não apenas **saltam as barreiras da distância** como fazem com que a **periferia mostre sua cara nas áreas centrais, a partir de práticas sócio-espaciais, plurais e culturais específicas**. Nesse sentido, a condição de ser um

“periférico” é potencializada nestas áreas centrais, por meio de diferentes maneiras de expressividade e práticas juvenis.

Como os jovens do *whelling*, que por meio de suas motos, se territorializam em espaços da área central, frequentado diversos locais na noite, e fazendo suas manobras de empinar motos em diversas áreas públicas, assumindo riscos para investir em suas formas de diversão, inclusive as vezes driblando agentes da lei, como a polícia. Ou ainda os jovens do *low* que com seus carros rebaixados por meio da suspensão automotiva, revelam que podem usar os espaços públicos, não apenas como mero ponto de encontro, mas uma instancia de mediação, acrescentando novo conteúdo a estas áreas, já que em torno de seus carros são criadas formas de entretenimento.

Outro exemplo de territorialidade é os jovens do “fluxo”⁵, um lazer e forma de reunião juvenil aparentemente de caráter anárquica e polissêmica, onde qualquer um que chega, já está teoricamente enturmado. Apesar da música funk predominar, os automóveis ecoam uma diversidade outros estilos musicais, inclusive há uma disputa dissimulada pelo carro que tem as batidas de som mais alto. É uma diversão que nada se parece com os empreendimentos festivos da indústria do lazer. Já que não tem organizadores, DJ (disc-jóquei) para centralizar as escolhas das músicas, patrocinadores, ingressos de entradas, uma festa que se apropria de espaços públicos.

Em nossas identificações quanto a vida e o lazer juvenil encontramos tanto **culturas e grupos juvenis notívagos quanto diurnos**. Por exemplo, muitas das atividades dos jovens do *whelling* são predominantemente diurnas, já os jovens do “fluxo” são mais noturnos normalmente.

Mas a despeito disso, todos estes grupos também realizam suas práticas em ambos os períodos do dia, sobretudo em finais de semana. Assim muitos jovens do *longbord*⁶ ou skate no Santa Antonieta, vão nas noites para bailes funk ou de rap, e também se associam a estas culturas juvenis.

E apesar de estarmos destacando separadamente algumas entre várias culturas urbanas juvenis destes espaços, muitas das festas e encontros, juntam diferentes grupos e de fato buscam misturar no sentido de incorporar diferentes estilos e estéticas. O que se revela muito diferente das concepções sobre gangue, já que estes grupos buscam se tornarem visíveis a partir de uma soma **eclética de identidades**, não apenas se constituindo em segmentos juvenis estanques.

Por exemplo, no “fluxo” podemos encontrar jovens do sertanejo universitário, do *whelling* e do rap lado a lado nestes encontros de rua. Algumas festas e eventos realizados pelos jovens do *low* fazem questão de chamar outros grupos jovens e também outros clubes de carros, essa dinâmica parece se contrastar muito com a ideia de uma cidade que se isola em ilhas e se fragmenta de forma total. Ao menos nas culturas urbanas da periferia, identificamos um desejo de juntar, uma pulsão em criar aglomerações e relações intergrupais.

E numa especulação mais ampla, se de um lado, há uma estrutura urbana forçada e tencionada para a uma **fragmentação urbana**, ou seja, os grupos e classes sociais, que além da desigualdade social também se apartam, perdendo contato a partir de espaços sociais comuns, onde as forças econômicas agem no sentido de criar uma cidade no modelo *top down*⁷, também, por outro lado, percebemos uma força do coletivo partindo das práticas

⁵ Reservamos falar de “fluxo” entre aspas, para destacar seu uso entre os jovens, que é muito comum e até revelador em termos de rolês. Já seu uso sem aspas diz respeito a um termo muito comum em geografia, que dá ideia de movimento, de fluidez de coisas, objetos e pessoas.

⁶ Outro grupo Juvenil que encontramos tanto no bairro Octávio Rasi em Bauru como no Santa Antonieta em Marília, fazem suas práticas de lazer deslizando pelas ruas em declives por meio de pranchas semelhantes os skates, porém pranchas maiores e com outras formas de manobras. Lembra muito os “carrinhos de rolimã” tão comuns nos bairros das periferias em décadas anteriores.

⁷ Termo que emprestamos de Pais (2005) que fala da cidade que se constroem de cima para baixo, que seguem um plano urbanístico, tal como também critica Lefebvre, já que se ignora o cotidiano vivo e que agencia formas e estratégias de recriar a cidade por meio de práticas cotidianas, no sentido *bottom up*.

cotidianas, um dinamismo *bottom up* que vão no sentido de baixo para cima e que as vezes buscam **amalgamar**.

Portanto a cidade que se produz parece mais surgir de um campo de fazeres e estratégias com sentidos cruzados, paralelos ou opostos. O que parece estar além daquela visão que dualiza grupos ou destaca este ou aquele agente no comando da produção do espaço da cidade.

A ETNOGEOGRAFIA DOS “ROLEZINHOS” DO SHOPPING CENTER E ESPAÇOS DE CONSUMO

O caso dos “rolezinhos” evidenciam um fenômeno que na verdade, não é, em sua essência novo, ao menos quanto a incursão de jovens da periferia em áreas centrais e/ou shopping centers à noite. Mas não deixa de ter na atualidade, uma dimensão impactante e polêmica nas cidades, sejam metropolitanas como em cidades médias. Dramatizada pelas mídias jornalísticas e polarizada por opiniões que vão da contemporização – estes bem menos – até a acusação de um novo tipo de delinquência juvenil. Representada como uma turba de jovens selvagens e alienados.

A princípio os “rolezinhos” nos shoppings center tem a ver com a presença de jovens em grupos ou que formam aglomeração, o que não é exclusivo dos jovens da periferia. Jovens de classe média ou de grupos juvenis específicos e em momentos específicos também fazem do espaço do shopping seu espaço de lazer, “patricinhas”, “emos”, estudantes, entre outros. Porém a questão é que a cultura da periferia apareceu nestes locais de forma intensa e, por que não dizer, para alguns de forma até perturbadora.

E isso se torna mais emblemático, quando jovens através das mídias sociais, se organizam em verdadeiras raides, com a finalidade de fazer destes espaços, um lugar de encontro, trazendo seus modos de ser, suas formas de circular, de se projetar, enfim compondo uma territorialidade.

Formou-se um imaginário que os vê como grupos que tumultuam a cena do lazer, cuja aglomeração e movimento faria lembrar turbas de arruaceiros ou que guardaria semelhança com os “arrastões” de cidades praianas, como no Rio de Janeiro. E cujos valores, formas de expressão cultural e estilos visuais também depreciariam estes espaços de consumo, afastando a presença das famílias e eventuais consumidores em potencial.

Ao menos nos shoppings center que tivemos a oportunidade de observar e pesquisar, estes “arrastões” e confusões não aconteceram no seu interior. Pois, como veremos a seguir, os jovens do “rolezinho” têm outros espaços e tempos que não se resume as estas superfícies comerciais. O shopping center é o centro do seu circuito na noite, mas não se resume a ele.

Em geral, os “rolezinhos” são na grande maioria das vezes, praticados por jovens adolescentes geralmente entre 12 a 16 anos, e é um tipo diferente, em relação a outros rolês que ocorrem nas metrópoles e nas cidades médias. Todavia, poderíamos dizer que mesmo assim, se inscreve naquela concentricidade que Feixa (1998) destaca, ou seja, quando os jovens começam a investir no uso de tempo livre, se afastando dos círculos proximais da vida diária, como da casa, da rua e do bairro.

Onde também podem escapar do controle dos pais (CARRANO, 2002), um período em que começariam a exercer jogos e práticas que revelam uma tendência a uma maior autonomia, uma territorialidade mais distante e também mais reticular⁸ em termos de círculos

⁸ Marie-Christine Fourny citada por Alice Lindón (2006) fala que as vidas estão cada vez mais individualizadas e multipolares. O que seria denominado de **territorialidades reticulares**. Os sujeitos vivem em grupos diversos e dispersos, constituindo-se em espaços de vida que são tecidos em torno de um estilo de vida. Embora tenhamos divergências com o ponto de vista da individualização, acompanhamos Maffesoli (1998) neste sentido, há em realidade um retorno a uma tendência de viver coletivo ou numa pulsão para o tribal que não anula a expressividade individual, outrossim, se reforça no grupo.

sociais. Ou quando começam efetivamente a ampliar suas possibilidades subjetivas, tendo em vista, que o espaço seria uma dimensão onde isso pode ocorrer, o jovem ou a jovem podem se recriar e construir outras percepções do mundo no movimento na cidade (CASTRO, 2004).

Para estes jovens adolescentes, os shoppings center constituem um ponto de ancoragem de suas sociabilidades, que nestas cidades médias pesquisadas começou com a chegada dessas grandes superfícies comerciais nos anos de 1990 e 2000. Um espaço privado de ampla variedade de oportunidades para o consumo de mercadorias e atrações temáticas, reunidas num só tempo e espaço e onde se produz uma esfera pública para diversão, encontro, ou simplesmente para se estar visível socialmente. Isto é, ser visto, reconhecido e ser “famosinho”.

Mas os rolezinhos dos jovens adolescentes, não se restringem aos shoppings center. Também marcam encontros em outros espaços privados de consumo. Em Bauru e Marília isso ocorre também em *fast-food*⁹ localizados em áreas centrais mais novas. Este é um aspecto que se destaca nestes rolês, ou seja, a preferência por locais com apelo ao renovado e globalizado, não se prendem muito aquelas paisagens estacionárias ou declinantes, onde o velho ou antigo persiste na paisagem.

Porém como pudemos observar e ao conversar com jovens do Shopping Nações em Bauru¹⁰, não seria uma territorialidade de apropriação exclusiva, mas de identificação (FOURNY apud LINDÓN, 2006). Não é um território de exclusividade grupal, ou que ali podem delimitar, se apropriar e impor suas regras sem interferências. Outrossim, é uma microterritorialidade onde exercem a dissimulação, a projeção de estilos e interações em meio a câmaras, seguranças e regras.

Um espaço onde as jovens e os jovens vão encontrar grifes de produtos e artigos famosos, estilos e objetos que projetam um sentido de modernidade. Espaço que se contrasta com as periferias de onde moram, onde apesar de ser um espaço *link* para o conhecimento destes estilos e formas de consumo, não é o mesmo que um shopping center, onde se é possível exercer uma maior visibilidade perante os outros, compartilharem uma conexão geracional em termos de signos e práticas com uma gama maior de amigos.

Um espaço onde podem associar ao mesmo tempo sua própria imagem, sua produção corporal e estilizada numa ambiência que guarda nas vitrines das lojas e arquitetura interna, referenciais que lhe são comuns e que os inspiram. A mensagem do shopping para estes jovens, talvez não seja tão diferente com o que é para os adultos, ou que nas palavras de Carrano (2002, p. 76) seria um espaço que "(...) sinaliza para a modernização da própria cidade, colocando-a mais próxima dos grandes centros urbanos de referência".

Portanto, o shopping center não é um espaço para ser “ir apenas” sem um sentido, mas, é onde se encontram referências identitárias e simbólicas de consumo e modernidade. Há desse modo uma **aderência espacial** aos modos como estes jovens vão encontrar neste espaço mercadológico condições para investir em suas interações sociais.

Na pesquisa conduzida por ARIOVICH, L; PARYSOW, J; VARELA, A (1996) percebem que os jovens adolescentes tendem a construir uma classificação binária e hierárquica¹¹ sobre os lugares e ambiente. E o shopping center acaba sendo elegido pelo conteúdo mais moderno e interessante na cidade para estes jovens. Onde se dá grandes

⁹ Em Bauru aos sábados é muito comum estas aglomerações na frente da loja Habib's na Avenida Nações Unidas e em Marília em torno do Mc Donalds, na Avenida Tiradentes.

¹⁰ Em realidade os “rolezinhos” dos shoppings foi em nossa última excursão por entre os jovens na noite, e foi basicamente realizada em dois Shoppings Center da cidade de Bauru e em Marília. Tivemos a facilidade de contar com ex-alunos que nos apresentaram outros jovens e nos informavam das interações e sobre a variedade de estilos na ambiência que se formavam a partir da presença massiva destes jovens nas noites de Sexta e Sábado nestas superfícies de consumo. Eles mesmos já tinham feito estes mesmos rolês várias vezes e conheciam as turmas que frequentavam os shoppings, assim como aspectos relacionados aos modos de interagir e de se vestirem.

¹¹ Estas classificações partem de distinções como “lugar de jovem/lugar de velho”; “música jovem/música clássica”; “arquitetura e ambiente moderno/arquitetura e ambiente monótono”; “lugares de muito movimento “alegre” e lugares de pouco movimento “chato”.

aglomerações, movimentação de pessoas, variedade de estímulos visuais. O espaço, então, tem um sentido, que se aproxima ou não da linguagem que é comum destes jovens.

E mais ainda, uma ambiência sempre renovada, cujas vitrines e cenários estão constantemente em alteração. Num questionário que aplicamos entre alunos do último ano do Ensino Fundamental, quase todos citaram o shopping como espaço de preferência para o lazer e que se identificam, como nestas respostas que selecionamos:

"Shopping, porque é um dos melhores lugares que tem na cidade para passear"

"Shopping, porque no shopping tem mais coisas do nosso estilo".

"Eu defino meu lazer é o local se é agradável...são basicamente shopping, boliche".¹²

Mas no âmbito de suas microterritorialidades, estão constantemente em movimento, circulando, descendo as escadas rolantes, parando por breves momentos nas praças de alimentação, triangulando envios de mensagens por seus *smartphones*, conversando com os amigos em volta e ainda atentos a quem está circulando. Não é muito comum entre eles parar para conversar, eles fazem isso andando, enquanto estão aglomerados.

Naturalmente, isso pode ser explicado pela ausência de muitos bancos para sentar, afinal, estas superfícies de consumo são pensadas para comprar enquanto se caminha por entre seus corredores e esquinas. Mas, pensamos que na verdade isso se dá em decorrência de uma vontade pulsante entre estes jovens de que circular é uma estratégia para se ver mais coisas, perceber mais novidades. Além de se interagir e ser visto mais vezes.

Todas as vitrines, os objetos, as mercadorias, as marcas, como as roupas acabam sendo signos de referência ligados a outros sistemas que fazem sentido a eles, algo que também aquelas pesquisas apontam com jovens de outros lugares. Aqui faz lembrar a crítica lefebvriana sobre uma cotidianidade que faz com que o significante não se encontre mais no objeto, mas cujo significado tende a aparecer no discurso em torno deste (LEFEBVRE, 1991).

Não é consumo de objetos, mas consumo de sentidos sobre estes. Esta concepção de consumo é mais ampla, pois nos ajuda a pensar nos jovens que observamos nestas superfícies comerciais como uma subcultura capitalística. Pois, mesmo não podendo adquirir seus objetos, podem se aproximar deste ideal, por outros meios. Frequentando os espaços onde esses objetos se apresentam ou vestindo roupas não originais, mas que transmitem o discurso da marca, da grife, do seu design.

Além disso, estão se comunicando através de acessórios que se transformam num sistema de linguagem. Através dos artigos e acessórios usados para compor um estilo, o jovem ou a jovem terão um certo status social. Usar determinada combinação de roupa anuncia um estilo e grau de atrevimento e ousadia, que pode dar certo ou não em termos de atrair atenção. E ao mesmo tempo se torna um objeto para ser decifrado por outros jovens. Por exemplo, para muitos jovens, os tênis das vitrines estão além de um item esportivo. Mais que algo simples e habitual, em realidade é um ritual, que remete a cultura *sneaker*¹³, ou seja, se conquista maior visibilidade ou glamour em usar este ou aquele modelo de tênis exclusivo, ou ainda destacar partes ou cores do tênis que revelam seu estilo e o quanto estariam antenados com as tendências mais ousadas ou de vanguarda.

Por isso, não podemos cair no discurso da inautenticidade e alienamento simples e direto desta cultura juvenil. Em realidade há sim uma autenticidade, pois, estes artigos, grifes,

¹² Respostas de alunos do último ano do Ensino Fundamental e das classes do Ensino Médio na escola Walter Barretto Melchert aplicado em 05/12/2013.

¹³ Essa cultura nasceu com o Hip Hop, na década de 80, hoje é uma cultura urbana específica com maior parte de adeptos nos Estados Unidos e Europa. Exploram marcas, formas de uso e cores em relação aos tênis, um fetiche e ao mesmo tempo um estilo de expressão corporal que alcançou o patamar de linguagem. Fonte: Revista Digital SneakerBR

estilos remetem para eles, outras formas de linguagem e culturas muito específicas a que estão conectados. É nestas apropriações e conexões que inventam seus próprios discursos sobre os objetos e incorporam em suas redes de significado.

Cada produção estética do corpo, denota uma particularidade visual e códigos que visam de alguma forma chamar atenção. Mas também remetem a símbolos e referências globais. Desde símbolos dos times de basquete às marcas de grifes famosas relacionadas a outros esportes com circulação global. Alguns usam também camisetas com símbolos de maconha e outros alguns *slogans* relacionados ao mundo da contravenção.

O investimento na visibilidade social vai sempre no sentido de protagonizar uma imagem de alguém disposto a se diferenciar e que busca ser identificado com a vanguarda dos estilos e modas que ocorrem nos grandes centros. Ou seja, ser aquele jovem que faz aterrissar o novo no espaço, o moderno, o que está em evidencia em outros centros urbanos. Ser a novidade é estar vestido com o que é mais atual e está acontecendo, e não o que aconteceu.

Mas neste *mix* de cores e combinações, também há espaço para os simulacros identitários. Como jovens que num rolê se vestem como *rappers*, com camisetas polos abotoadas até o fim do pescoço, ou com calças moletons esportivos, tênis de cano alto e no outro dia adotam o estilo funkeiro, bermudas longas e camisetas folgadas no corpo. Por exemplo, algumas jovens como pudemos observar num dos dias de observação no shopping center em Bauru, usavam blusas bem curtas, mas estampadas com palavras como “punk” ou “heavy metal”, mas que claramente não tinham filiação com estas culturas juvenis.

São jovens que criam simulacros, mas também usam de objetos e fragmentos de outras produções culturais para investir nas suas próprias realizações estilísticas. Algo já destacado por Dayrell (2001), em sua própria pesquisa, sobre como a identidade de grupos juvenis podem ser recontextualizados a partir de fragmento e vínculos com outras culturas e estilos.

Estão interessados no discurso que eles mesmos constroem em cima destes símbolos, como usar este ou aquele objeto compõe seu fraseado visual particular e como se comunicaram em função disso com os outros no espaço. Como serão interpretados em função desses investimentos. O que mostra o jogo de bricolagem¹⁴ que fazem com outros estilos e símbolos inerentes a outras culturas juvenis.

O espaço do shopping constitui ele na sua totalidade também é uma vitrine, que mesmo privado, atende uma esfera social juvenil em termos de expressarem seus modos de ser jovem. Uma microterritorialidade que se dá no e pelo espaço. Espaço que é territorializado e mediado para a ostentação. Constituindo-se num cenário para que interpretem seus papéis sociais. Espaço que se materializa em seus vários constituintes materiais: nas lojas, conforto, vendedores, consumidores, vitrines, fachadas e no ar de renovação.

Um espaço que viabiliza a sociabilidade do contato físico, da troca de olhares, dos comportamentos que ganham tridimensionalidade, pois, não mais estão reduzidos as fotos e exposições nas mídias sociais. Na verdade, é o espaço que num sentido inverso vai alimentar comentários e imagens nas diversas redes de compartilhamento, isto é, vai dar conteúdo a estas mídias. Os jovens vão aprendendo a conviver com estas mídias no sentido de sua alteridade, que é sua essência. Assim, sempre estão renovando seu conteúdo, seu perfil público na sua página pessoal do *facebook*.

Espaço que possibilita produzir “*selfies*”¹⁵ autorretratos tirados dos *smartphones* cujo cenário de fundo pode ser uma vitrine, ou com o amigo ou amiga na praça de alimentação. Mais que uma foto de recordação, ou um objeto visual com fim em si mesmo, as fotos são o

¹⁴ O termo “bricolage” surge em Levi-Strauss que segundo Dayrell (2001, p.26) “supõe a forma pela qual os objetos e símbolos são retirados de um repertório já existente, reordenados e recontextualizados para comunicar novos significados.

¹⁵ Neologismo, para fotos tiradas de si mesmo. Mais que uma foto de recordação, são o objeto que será visualizado nas mídias sociais, o meio que não é um fim em si mesmo, mas que dependendo do lugar e quando pode ajudar a dar projeção ao jovem.

meio mais importante para registrar que não somente a jovem ou jovem “esteve lá” como também como “estava lá”. As fotos e autorretratos constituem objetos que serão visualizados, que vão alimentar o conteúdo das mídias sociais, o meio que dependendo do lugar e quando pode ajudar a dar projeção a sua imagem construída. O próprio *smartphone* é outro objeto que apesar da sua portabilidade, ganha capas reluzentes e na qual os jovens fazem todo esforço para ostentá-los.

Os jovens do “rolezinho” usam todos os recursos do shopping center, como a iluminação, a limpeza, os reflexos das vitrines e espelhos para dar visibilidade aos seus corpos, estilos e expressões. Tudo é num certo sentido feito tendo em consideração como serão vistos pelos outros, as curtidas que terão e a fama que podem adquirir. Não é preciso dizer que o ostracismo nas redes de compartilhamento virtual passa a ser a pior coisa que um adolescente desse grupo juvenil possa querer.

Há um aspecto que merece comentário, pois alarga a visão do poder da visibilidade social destes jovens e da sua relação com o consumo, pois há empresas da moda *fashion*, que aproveitam os “famosinhos”, para convidá-los para vestirem suas roupas e assim, se articula uma relação de conveniência, da loja que pode mostrar suas roupas para milhares de “curtidores” através de um “famosinho”, e assim atrair mais atenção para seus produtos, e o “famosinho” que ficam mais famoso e hipervisível, conquistando mais “likes” e reproduzindo um mundo de ostentação, onde a felicidade e convivência é medida pelo grau de curtidas que recebe.

Porém o shopping também é um espaço em que os jovens investem na aproximação afetiva, buscando um relacionamento ou mesmo uma relação mais estreita com a jovem ou o jovem desejado. Muitos marcam encontros através de mídias sociais, onde podem investir não apenas nas trocas de olhares, como no encontro face a face com outros jovens. Trocar número de telefones ou *WhatsApp*¹⁶ e assim ter essa pessoa na sua rede de amizades.

Pode-se dizer que muitas das práticas sócio-espaciais destes adolescentes, se distanciam do esperado em termos de consumo, no seu sentido aquisitivo, de gastar o produto, de tê-lo. A grande maioria não está em condições de comprar aquilo que veem nas vitrines, muitos ainda não trabalham, e poucos recebem as mesadas, valor em dinheiro que jovens da classe média estão mais acostumados. Mas é fato que fazem deste espaço cenários para outros fins. É a oportunidade para encurtar as distâncias físicas com jovens de outros bairros, de conhecer outras jovens e jovens com mesmos interesses, de fazer amizades e de enfim, viverem sua geração compartilhando do mesmo espaço.

Temos assim, a partir das práticas sócio-espaciais que se realizam no shopping center um acréscimo de predicado, de um espaço privado e comercial para um espaço vivencial. Cuja importância se estende em termos de convivência geracional.

Ainda que não se possa dizer que são práticas sócio-espaciais transgressoras, ou que alcancem o patamar de uma singularização radical, como destaca Guattari;Rolnik (1996), ou seja, processos e práticas que escapariam às manipulações capitalísticas. Mas, também não se pode deixar de salientar, que como percebemos, perfazem nestes espaços, outras construções de sentidos e modos de socialização.

Ou seja, que seus jogos e investidas ao ocorrerem geralmente a margem dos olhares e monitoramentos de seguranças e comerciantes. Ou ainda ao reinventarem outras formas de territorializar este espaço, isto pode não necessariamente equivaler a uma resistência ou inconformismo do tipo “rebelde”, mas provocam em certo sentido, uma recontextualização que tem o significado de questionar a **funcionalidade imposta**, para uma **multifuncionalidade que vem de baixo** para estas grandes superfícies comerciais nas cidades.

¹⁶ O uso do WhatsApp, um aplicativo para telefonia móvel que permite transferência de dados e imagens, tem sido usado com frequência quase absoluta entre os jovens tanto para conversarem, como também para marcar encontros e formar redes sociais, pensamos que um dos seus sucessos é que é um aplicativo gratuito e cujo custo de envio de mensagens é muito baixo.

E isso não é pouco, já que colocam os jovens da periferia no centro da questão sobre o direito à cidade, no que tange a diversidade dos usos coletivos dos espaços sociais.

Porém, a microterritorialidade dos jovens do rolezinho não se restringe a este espaço, também é usual saírem do shopping para irem em lugares próximos, onde buscam ter maior privacidade, e claro, onde se é possível prolongar o namoro ou o “amasso”. Também nestas saídas intercorrentes, alguns aproveitam para consumo de bebidas alcoólicas¹⁷. Outra finalidade para estas saídas é para resolver divergências, “acerto de contas”, ou seja, se existem coisas mal resolvidas nas redes de compartilhamento na internet, ou mal-entendidos produzidos por fofocas, é no final de semana que resolvem estas questões.

Tal como Carrano (2002) observou em sua própria pesquisa, os jovens não estão dispostos a substituir um espaço pelo outro, ou seja, do shopping pela rua, pelo espaço público. O espaço público ainda continua sendo um espaço de reunião para eles, aberto e num certo sentido, livre de controles aparentemente. Já que a polícia sempre está rondando suas territorialidades.

Por outro lado, o espaço público também é disputado, a territorialidade dos jovens do “rolezinho” não é realizada sem choques e sem conflitos. Um fato que presenciamos¹⁸ e oferece uma dimensão de como são vistos pelo poder público estes rolezinhos, ocorreu numa das visitas ao Boulevard Shopping Nações Bauru, neste dia havia uma centena de policiais na frente e proximidade deste shopping, tal concentração de policiais estava ali para monitorar o “rolezinho” na parte de fora do shopping, isso se comprovou pelas abordagens físicas, típica abordagem policial, mas que constrangia os jovens, pois justamente ocorriam na portaria do shopping center.

Estes jovens que saíam do shopping center caminhavam em grupo para uma praça no centro tradicional para outro encontro, ali também se deu outra abordagem policial, mas no sentido de os dispersarem. Quer dizer que fazem outros encontros na mesma noite e promovem outras formas de interações que não são as mesmas que ocorrem no interior daqueles shoppings center. Nestes outros espaços há mais transgressões e condição mais favoráveis para suas expressividades, como dançar, ouvir música em som alto, namorarem.

Como podemos perceber os “rolezinhos” dos jovens adolescentes perfazem um circuito noturno, até certo ponto, diversificado, alterando territorialidades em espaços privados e públicos, mais ainda, imprimindo diferentes conteúdos a estas territorializações. Uma geração cuja moratória em termos de vitalidade biológica e tempo livre, se soma a técnica, ou seja, de maior poder em articular através do espaço e das mídias sociais uma maior visibilidade social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é possível depreender destes rolês juvenis, é que os grupos juvenis das periferias estão mais presentes nas áreas centrais, mas compondo diferentes interações e territorializações, no caso, por exemplo, dos jovens do “rolezinho” do shopping, seus encontros muitas vezes ignoram certas funções determinadas, como de passivos compradores e consumidores de bens, mas também promovem formas diferentes de uso destes espaços. Já em outro exemplo, os jovens dos “fluxos” se distanciam do eixo mercadológico do lazer noturno das áreas centrais e inventam suas próprias formas de lazer e uso do espaço público. Estas diversidades de práticas sócio-espaciais também apontam diferentes formas de se territorializar na cidade. Além de sugerir que apesar das condições de segregação que estes jovens estão submetidos, podem através de meios para compartilhar informações e formas de mobilidade

¹⁷ Não seria uma prática comum, mas tivemos a chance de observar jovens que guardavam bebidas alcoólicas em frente ao shopping Esmeraldas, entre trilhos desativados de trem. Em certos períodos alguns se reuniam para repartir o conteúdo da garrafa.

¹⁸ Observação ocorreu em 05/01/2015 estávamos acompanhados de dois jovens ex-alunos.

estabelecer uma múltipla territorialidade na cidade. O que vai implicar tensionamento entre os diferentes, já que estamos vendo uma cidade onde alguns espaços são disputados em função de novas práticas e territorialidades juvenis.

REFERENCIAS

ARIOVICH, L; PARYSOW, J; VARELA, A. Juegos en el shopping center. In: (Org) MARGULIS, M. **La juventud es Más Que una Palabra**. Buenos Aires, Biblos, p. 31-46, 1996.

CARRANO, P. C. R. Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro. Relume Dumará: Faperj, 2002.

CASTRO, L.R. **A Aventura Urbana: Crianças e Jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2004.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte**. São Paulo: USP/FE, 2001. 401pf. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DELICATO, C.T. **Faces de Marília: a moradia em um condomínio horizontal**. Marília: UNESP, 2004. 111 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP.

FEIXA, C. P. La Ciudad Invisible: Territorios de las culturas juveniles. In. MARGULIS, M et al (org). **Viviendo a toda: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Siglo del Hombre Editores; Departamento de investigaciones Universidad Central, Bogotá, 1998, p. 83-111

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Editora Ática, 1991.

LINDÓN, A. **Geografías de la vida cotidiana**. In: LINDON, A; HIERNAUX, D. Tratado de Geografía Humana. Ed Anthropos, Mexico, 2006, p. 356- 400

PAIS, J.M. jovens e cidadania. **Rev. Sociologia: Problemas e práticas**, n.49, 2005, p. 53-70

SARAVÍ, Gonzalo . Mundos aislados: segregación urbana y desigualdad en la ciudad de México. **EURE**. 2008, vol. 34, n. 103, p. 93-110.